

**Eu, Robô? A Substituição dos Alunos pela IA: Um Relato de Experiência em
Filosofia**

*¿Yo, un robot? La Sustitución de los Estudiantes por la IA: Un Relato de
Experiencia en Filosofía*

Érica Machado Leopoldo¹

Lúcio Jorge Hammes²

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência que analisa os impactos do uso de Inteligência Artificial (IA) por estudantes do Ensino Médio. Com base na atuação como professora de Filosofia em três escolas públicas estaduais de Jaguarão/RS, no ano de 2025, o estudo investiga de que maneira a IA tem influenciado não apenas o processo de aprendizagem, mas também a construção da autonomia intelectual e a natureza das relações interpessoais. Com o objetivo de enriquecer a análise empírica desta investigação, o relato incluiu uma entrevista com uma aluna que recentemente expôs, em contexto de sala de aula, sua dependência do uso de Inteligência Artificial para tarefas acadêmicas e pessoais. Sua entrevista oferecerá arcabouço inicial para examinar como a mediação tecnológica opera na prática, ilustrando os três eixos de análise propostos: a elaboração de trabalhos escolares, a extensão do uso nas relações cotidianas e os efeitos na construção da subjetividade.

Palavras-Chave: Inteligência Artificial (IA). Educação. Autonomia. Subjetividade. Relato de Experiência. Ensino Médio.

Resumen

Este artículo presenta un relato de experiencia que analiza los impactos del uso de Inteligencia Artificial (IA) por parte de estudiantes de secundaria. Con base en la actuación como profesora de Filosofía en tres escuelas públicas estatales de Jaguarão/RS, en el año 2025, el estudio investiga de qué manera la IA ha influenciado no solo el proceso de aprendizaje, sino también la construcción de la autonomía intelectual y la naturaleza de las relaciones interpersonales. Con el objetivo de enriquecer el análisis empírico de esta investigación, el relato incluyó una entrevista con una alumna que recientemente expuso, en contexto de aula, su dependencia del uso de Inteligencia Artificial para tareas académicas y personales. Su entrevista proporcionará un marco inicial para examinar cómo opera la mediación tecnológica en la práctica, ilustrando los tres ejes de análisis propuestos: la elaboración de trabajos escolares, la extensión del uso en las relaciones cotidianas y los efectos en la construcción de la subjetividad.

Palabras claves: Inteligencia Artificial (IA). Educación. Autonomía. Subjetividad. Relato de Experiencia. licéu.

¹ Mestranda no Curso Mestrado em Educação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus Jaguarão/RS/Brasil - E-mail: ericaleopoldo.aluno@unipampa.edu.br

² Doutor em Educação; Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA; Jaguarão, RS, Brasil; luciojh@gmail.com

1. Introdução

Uma das constantes preocupações nos dias atuais é sobre qual profissão será substituída pela IA. Especulações à parte, uma das profissões em constante ameaça é a do professor, considerado na sociedade atual um profissional supérfluo, perigoso (como sujeito que possui ideologias incoerentes para os alunos das famílias racionais brasileiras e quiçá mundiais) e substituível por parte da população e seus governantes eleitos. Acusados de influenciar os alunos da educação básica no ensino fundamental e médio por posicionamento ideológicos, políticos e etc. Porém, estes mesmos que acusam não deixam de enviar seus filhos para escola e ainda questionam qualquer tipo de fechamento por feriado e outros motivos.

A disciplina de filosofia no ensino médio requer pensamento crítico e autonomia das ideias, baseando-se em autores e obras da antiguidade aos dias atuais. No entanto, tenho observado uma apatia significativa dos alunos. Mesmo quando utilizo métodos de ensino diferenciados, persiste uma dificuldade de compreensão das atividades propostas. Muitos estudantes estão recorrendo intensamente à Inteligência Artificial (IA), tanto para tentar compreender o que é demandado nas atividades quanto para responder questões subjetivas, mesmo aquelas que, aparentemente, não exigiriam uma grande aplicação intelectual. Essa confiança na "resposta certa" fornecida pelos chatbots manifesta-se no temor pela "resposta errada", inclusive em perguntas objetivas que exigem apenas respostas como "sim, não, talvez".

A partir de experiências vividas em sala de aula, percebi que trabalhos como resumos, solicitações de ideias principais ou interpretações de texto eram entregues com um linguajar que os alunos não utilizavam cotidianamente — nem oralmente nem por escrito — e que, em alguns casos, as ideias se mostravam excessivamente similares entre si. Diante disso, decidi observar com mais atenção como os estudantes estavam usando os chatbots. Paralelamente, mudei minha estratégia de ensino, abandonando atividades de pesquisa e produção textual fora do ambiente escolar — o que se mostra um desafio para uma disciplina com apenas 50 minutos semanais, nos quais é preciso conciliar explicação oral, leitura de textos e debate de ideias.

2. Relato e entrevista

Em uma das aulas, uma aluna (3º ano, Médio, 19 anos) comentou com a colega que “estava dependente da IA, até mesmo para responder outras pessoas”. A declaração me deixou curiosa e surpresa, pois nunca havia considerado essa possibilidade. Afinal, é comum sabermos que *chatbots* são utilizados em atendimento ao cliente de empresas, mas não tinha considerado que alguém do meu convívio poderia estar usando IA para responder, talvez, minhas mensagens.

Foi essa inquietação que me levou a considerar a realização de entrevistas com alunos de outros anos do Ensino Médio. No entanto, para esta fase inicial da pesquisa, concluí que seria mais pertinente investigar o impacto da Inteligência Artificial na subjetividade dos estudantes, partindo do caso específico da aluna que despertou minha atenção para essa questão. Decidi, portanto, investigar essa nova aplicação das inteligências artificiais, buscando estudos ou discussões acadêmicas sobre a possível perda da subjetividade na linguagem.

A partir desse episódio, minha percepção inicial sobre o uso da IA pelos estudantes — a de que se limitavam a copiar e colar respostas de plataformas de busca em seus trabalhos —

mostrou-se insuficiente. Tal prática, por si só, já se opõe à construção de uma aprendizagem significativa e duradoura. Contudo, o que a fala da aluna revelou como muito mais preocupante é a possibilidade de o estudante — um indivíduo em formação — passar a ser tutelado pela IA não apenas academicamente, mas também em suas relações sociais mais íntimas. Como podemos ver nas perguntas 11, 18, 19, e 20 de parte da entrevista aqui citada.

11) [...]E qual o principal momento de uso, nas tarefas escolares, sim ou não? Sim. 18) É uma coisa muito comum, né? Mas usa ela também pra inspiração? Sim.19) A IA é melhor que você pra formular opiniões corretas ou melhores? Não. Não? Não, eu acredito que a IA muitas das vezes dá algo errado.20) O que que tu acha que ela já teve de algo errado, se é que tu lembra? Muitas informações ela não dá errado. Sim. Em que situação você discordou da iá? Nenhuma.³(sic)

Percebe-se, por meio das perguntas e respostas da aluna, uma confirmação de que o uso da inteligência artificial para realizar tarefas escolares já é uma prática comum no ambiente educacional. A própria estudante afirma que a IA não é mais criativa do que ela, enquanto ser humano, mas reconhece que nunca discorda das opções fornecidas pela ferramenta como podemos ler acima.

6) Tu achas que ela está se adaptando com a resposta que tu quer receber, seria isso? Sim, ela responde do jeito que eu queria que alguém falasse para mim. [...] 7) E para tomar decisão, você já usou? Não. 8) Uma decisão quanto a tua vida, [...]. E para responder às outras pessoas? Sim. 9) É, foi isso até que me inspirou na... em te entrevistar. Sim, porque teve muitas vezes, tipo, texto de aniversário, eu ia e pedia para escrever, e aí eu só falava e mandava. (sic)

A inteligência artificial é utilizada para respostas simples e subjetivas, como desejar “feliz aniversário” — algo que, em essência, poderia ser expresso por um abraço ou palavras amigas, ainda que simples. Além disso, ela é vista como uma substituta para amigos, atuando como uma mente que interage sem julgamentos, oferecendo um tipo de “acolhimento” incondicional.

14) De 1 a 5, a IA já tomou o lugar de um amigo em sua vida? Três, eu diria. Três. Não que seja um amigo, mas...[...] Ela tá ali muito fácil pra usar. 15) Sim, que às vezes tu não quer, talvez, incomodar, ou porque tu às vezes se sente mais segura em falar pra ela e não falar pra alguém? Sim, isso. Tipo, tu não quer incomodar alguém com teus problemas, e a IA é inteligência artificial, né? [...] Então ela não vai se incomodar com os teus problemas.(sic)

Outro aspecto relevante é a substituição de profissionais, como no caso do psicólogo, conforme relatado pela aluna. Nesse contexto, a IA assume funções que envolvem subjetividade e a interpretação de casos individuais — atividades que antes dependiam essencialmente da mediação e do olhar entre seres humanos.

30) Você já usou ela como psicólogo, como nutricionista, essas coisas? Psicólogo, sim. E isso é bem errado, na verdade. 31) [...] E nutricionista também. Tem muita gente que está usando como fazer cardápio, essas coisas. Como outro profissional tu já usou ela? Médico, essas coisas? Não, só psicólogo. (sic)

³ Formatado em negrito o texto destacando as perguntas da autora em negrito e mantendo as respostas em texto normal.

No campo da argumentação, surge uma contradição: embora a argumentação pareça ficar em primeiro plano em busca de um diálogo, por um bem ou ideia comum — o que poderia inclusive abrir espaço para novas reflexões —, o que se observa, na prática, é a persistente valorização da ideia de “vencer” o debate, como uma gamificação entre IA e ser humano, ou até entre IA, porque não temos a certeza de que o outro está ou não usando a Inteligência Artificial.

2. Referências bibliográficas

A partir dos relatos e reflexões colhidos na entrevista, é possível estabelecer um diálogo com a "hipótese do camaleão digital", proposta por Miguel Nicolelis (2020). Segundo o autor, essa previsão aponta que "atributos humanos como empatia, compaixão, criatividade, ingenuidade, intuição, imaginação, pensamento 'fora da caixa', discurso poético e metafórico, altruísmo [...] vão sucumbir, a ponto de desaparecer por completo do repertório de atributos da cartola mental humana." Esse fenômeno ressoa na fala da aluna entrevistada, que demonstra sentir-se mais segura ao adotar as ideias e a forma de empatia pré-definidas pela inteligência artificial, em detrimento de sua própria expressão emocional e criativa.

Em Merleau-Ponty, percebemos que, quando alguém delega sua subjetividade, produz-se um "não-eu" — uma espécie de não existência, já que existir é, precisamente, manifestar-se no mundo. Como o próprio filósofo afirma (1975, p. 246):

“Dizer que tenho um corpo é simplesmente uma outra maneira de dizer que meu conhecimento é uma dialética individual... que esses objetos... se apresentam a ela através de seus aspectos sucessivos... que finalmente um deles se oferece obstinadamente 'do mesmo lado', sem que eu possa contorná-lo.”

Essa passagem ressalta que cada um de nós possui um ponto de vista singular. Embora não possa me ver por completo, só eu, em minha subjetividade, posso compreender algo de maneira única. Quando deliberadamente submeto essa subjetividade a um sistema de IA, permitindo que ele responda por mim, abro mão dessa perspectiva própria. Assim, jamais saberemos se o que aceitamos da máquina reflete verdadeiramente o que pensaríamos, ou se seria algo genuíno da minha construção como indivíduo que vê e pensa a partir de um lugar único. Pelo contrário: é mais provável que esteja apenas reproduzindo um argumento universal, válido para qualquer ser humano — especialmente quando a resposta é gerada a partir de um repertório genérico, compilado de conteúdos disponíveis na internet.

3. Não-conclusão

Será que quem forjou essas máquinas de pensar com o pensamento alheio considerou plenamente as consequências? Provavelmente sim, pois, como afirmava Francis Bacon, conhecimento é poder; contudo, conhecimento sem reflexão pode significar o aniquilamento não apenas da humanidade como entidade física, mas daquilo que nos define como seres humanos: nosso pensamento, nossas conexões, nossas virtudes, a compreensão do “eu e do outro” e a sabedoria diante de nossa finitude. E não se trata de um exercício de futurologia, pois este fenômeno já é presente: está acontecendo agora, com relatos concretos e percepções generalizadas, afetando inclusive aqueles que não são nativos digitais. Isso nos força a

profundos questionamentos: A IA é realmente neutra? Ela guarda, de fato, nossos segredos? O que é feito com os dados pessoais que compartilhamos? Quem pode garantir que essas informações não serão usadas contra nós ou expostas publicamente no futuro? E, crucialmente, o que podemos fazer neste momento para não perdermos nossa subjetividade?

Diante das múltiplas perspectivas que acompanham o processo de docência, com os persistentes problemas de engajamento discente, testemunhamos um fenômeno peculiar: a inteligência artificial, que antes se esperava vir a substituir os professores, agora assume o lugar dos próprios alunos. Esta inversão de expectativas se expande para outras esferas profissionais, inclusive aquelas de alto prestígio social, como as da área da saúde. Será que os criadores dessas “máquinas de pensar” com pensamento alheio previram todas as consequências? Provavelmente sim, pois como afirmava Francis Bacon, conhecimento é poder - mas conhecimento sem reflexão pode levar ao aniquilamento não apenas da humanidade física, mas daquilo que nos constitui como humanos: nosso pensamento autêntico, nossas conexões genuínas, nossas virtudes, a compreensão do "eu e do outro", a sabedoria diante da finitude. Esta não é uma especulação futuroológica, mas uma realidade presente, documentada em relatos e observável mesmo entre aqueles que não são nativos digitais. Urgem, portanto, questões profundas: A IA é realmente neutra? Ela guarda efetivamente nossos segredos? Que destino terão os dados pessoais que compartilhamos? Quem garante que essas informações não serão usadas contra nós ou expostas publicamente? E, fundamentalmente, como preservar nossa subjetividade ante este cenário?

Referências

MERLEAU-PONTY, Maurice. A Estrutura do Comportamento. Tradução de José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais Ltda., 1975.

NICOLELIS, Miguel. O Verdadeiro Criador de Tudo: A Busca do Cérebro Humano pela Sua Própria Alma. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2020. E-book. Arquivo pessoal.